

POLÍTICA

Inflação pode ultrapassar teto durante ciclo eleitoral, afirmam analistas

Para eles, 'tempestade perfeita' vai pressionar números de 2022 e gera risco de descontrole inédito em duas décadas

Eliane Oliveira, Fernanda Trisotto e Gabriel Shinohara

03/10/2021 - 04:30



Preço da gasolina foi usado em protesto contra Bolsonaro neste sábado Foto: Fábio Rossi / Agência O Globo

BRASÍLIA - Depois de beirar os dois dígitos no acumulado de 12 meses em agosto e ultrapassar o patamar de 10% na prévia para setembro, a inflação vai continuar forte em 2022, segundo especialistas, por uma combinação de choques que formam uma “tempestade perfeita”. Assim, o ano eleitoral será marcado por uma batalha para a contenção de preços, algo que não ocorria nesta magnitude há 20 anos.

A busca para crescer os gastos públicos num momento de baixa popularidade do presidente Jair Bolsonaro também leva economistas a acreditarem que a inflação possa superar o teto da meta, algo que não acontecia em ano de eleição presidencial desde 2002, quando Fernando Henrique Cardoso não conseguiu fazer seu sucessor.

— Todo mundo que olha a inflação no nível de dois dígitos acaba repassando para o preço final, ainda que não tenha um custo direto naquele setor. O risco de pressão maior é para 2022 — afirma o economista-chefe da Austing Rating, Alex Agostini.

O economista Roberto Troster, da Troster & Associados, critica a demora do governo em reagir à inflação e elevar os juros. Para 2022, enquanto as projeções de inflação de mercado estão em 4,12%, ele prevê 6%, com viés de alta.

Alguns defensores da responsabilidade fiscal têm lembrado ao presidente que não compensa ampliar gastos públicos e subir os programas sociais se isso implicar em mais inflação. Reservadamente, um integrante do governo avalia que a alta de preços corrói mais a popularidade do que o desemprego, e exemplifica que “não adianta elevar o Bolsa Família a R\$ 400 se isso não pagar um botijão de gás”.

A “tempestade perfeita” da inflação combina uma série de choques temporários, como a alta dos alimentos, que foram contaminados por custos como a elevação da energia elétrica e dos combustíveis, atrelados à desvalorização do real frente ao dólar. Para analistas, esses fatores são agravados por “ruídos políticos”, como as ameaças de crise institucional e a própria imprevisibilidade econômica de um ano eleitoral possivelmente polarizado.

No caso dos combustíveis, fatores como a liberdade da Petrobras para fixar preços e a dificuldade de cortar impostos estaduais também contribuem para um cenário nebuloso para a inflação.

A meta do Banco Central (BC) para 2022 é de IPCA de 3,5%, com margem de tolerância de até 5%. A previsão mais elevada no boletim Focus, colhido pelo BC junto ao setor financeiro, já está em 5,18% para 2022. A depender de como BC e governo conduzam essas ações, a inflação de 2022 já pode ficar acima do teto da meta, que é 5%.

Analistas indicam necessidade de atacar o problemas como os conflitos entre Executivo e Judiciário, por exemplo, que colocam em xeque a segurança jurídica no ambiente de negócios. Um interlocutor próximo ao ministro Paulo Guedes (Economia) aponta o próprio Bolsonaro como um dos responsáveis pela instabilidade, que leva também à desvalorização do real. Além do equilíbrio institucional, medidas como a contenção do déficit público, evitando gastos desenfreados a reboque do ano eleitoral, e a contenção da crise hídrica são fatores citados como fundamentais para conter a escalada inflacionária.

O economista André Braz, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor da FGV, pontua que parte da solução está na elevação dos juros, mas que o governo também precisa fazer sua parte:

— O governo deve parar com esses discursos que geram incerteza doméstica. Aquele exemplo do 7 de Setembro não pode se repetir.